

ESPAÇOS URBANOS na literatura baiana contemporânea

Milena Guimarães Andrade Tanure*

Resumo: A crítica literária tem demarcado o modo como o texto literário tem sido utilizado para tentar recuperar o que perdido, tendo o poder de conferir o reconhecimento e o sentimento de estabilidade e pertencimento, razão pela qual as representações memorialísticas têm ganhado vulto. Pensando nisso, o presente artigo propõe-se a pensar a produção literária contemporânea brasileira a partir de um recorte regional, o Estado da Bahia e, mais especificamente, as imagens da cidade de Salvador que são por ela representadas. Ao se representar os espaços físicos, constituem-se espaços da memória que significam não pela sua própria existência, mas pelas relações humanas que são neles travadas e as vivências que deixam marcas na própria cidade e na memória. Dessa forma, o intento é analisar o modo pelo qual, a partir de representações do espaço urbano, o texto literário baiano é capaz de engendrar a leitura de memórias subjetivas e coletivas. Partindo do conceito de memória, as considerações se desenvolvem no intuito de inventariar esse mapa memorialístico a partir das lembranças das personagens em uma cidade de Salvador da atualidade e de um dado passado. Como delimitação do corpus, cotejaremos as produções literárias dos escritores Carlos Ribeiro e Fábio Mandingo a fim de destacar o modo pelo qual ambos projetam uma dada imagem da cidade de Salvador, a partir de espaços muito bem demarcados, e se entrelaçam pelos fios da memória que dão a ver não apenas espacialidades, mas as experiências que dão forma e cor às ruas, esquinas e vielas que se encenam nas narrativas. Para tanto, as considerações apresentadas desenvolvem-se a partir do entrecruzamento de leituras dos textos literários, mas também históricos e sociológicos, como de Lejeune (2008), Gagnebin (1997), Arfuch (2010) e Halbwachs (1990), Pesavento (1999), Duarte (1989) e Gomes (1999). A partir de tais leituras, é possível pensar categorias como memória, espaço urbano e memória coletiva a fim de identificar o modo pelo qual a narrativa literária é capaz de permitir que se estabeleça a relação entre memórias subjetivas e coletivas a partir da representação do espaço urbano.

Palavras-chave: Espaço urbano. Literatura baiana. Memória.

Abstract: *Literary criticism has demarcated the way in which the literary text has been used to try to recover what was lost, having the power to confer recognition and a feeling of stability and belonging, which is why memorialistic representations have gained importance. With this in mind, this article proposes to think about contemporary Brazilian literary production from a regional perspective, the State of Bahia and, more specifically, the images of the city of Salvador that are represented by it. When representing physical spaces, memory spaces are constituted that signify not by their own existence, but by the human relationships that are held in them and the experiences that leave marks in the city itself and in memory. Thus, the intent is to analyze the way in which, based on representations of urban space, the Bahian literary text is able to engender the reading of subjective and collective memories. Departing from the concept of memory, considerations are developed in order to inventory this memorial map based on the characters' memories in a city in Salvador today and a given past. As a delimitation of the corpus, we will compare the literary productions of writers Carlos Ribeiro and Fábio Mandingo in order to highlight the way in which both project a given image of the city of Salvador, from very well demarcated spaces, and intertwine through the threads of memory that they show not only spatialities, but the experiences that give shape and color to the streets, corners and alleys that are staged in the narratives. Therefore, the considerations presented here develop from the intersection of readings of literary texts, but also historical and sociological ones, such as Lejeune (2008), Gagnebin (1997), Arfuch (2010) and Halbwachs (1990), Pesavento (1999), Duarte (1989) and Gomes (1999). From such readings, it is possible to think of categories such as memory, urban space and collective memory in order to identify the way in which the literary narrative is able to allow the establishment of the relationship between subjective and collective memories from the representation of urban space.*

Key-Words: *Urban space; Bahian literature; memory.*

* Doutor em Literatura e Cultura. Professor dos Cursos de Letras e Cinema – UNIJORGE e do Departamento de Letras e Artes – UEFS.

Considerações Iniciais

As narrativas literárias como estruturas textuais não prescindem das representações dos espaços. Neste sentido, o corpo urbano talvez seja um dos mais recorrentes na literatura brasileira contemporânea e tais narrativas têm a capacidade de engendrar representações significativas da cidade e do homem de seu tempo. Assim, pode-se destacar que as representações literárias do tecido urbano são capazes de ofertar uma nova visão da cidade a partir das subjetividades que são apresentadas, seja quando a cidade é o espaço em que se desenvolve a narrativa, exercendo, muitas vezes, importante elemento para a identificação de sentidos, ou própria personagem da obra. Para a discussão que aqui se propõe, o propósito central é pensar a cidade a partir da ótica da representação literária. A literatura, como um dos instrumentos com que se faz leituras da cidade, representa uma das possibilidades de se delinear a constituição e o desenvolvimento do espaço urbano. Assim, é possível [...] pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e às sociabilidades que nesse espaço têm lugar (PESAVENTO, 1999, p. 10).

Nesse cenário de representações, o espaço urbano e sua história podem ser apresentados pelo texto literário, seja como pano de fundo em que se desenvolve a narrativa ou como própria personagem de onde emergem as histórias a se narrar. Barthes (2001, p. 224) afirma que “a cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente, percorrendo-a, olhando-a”.

O presente trabalho, lançando luz em uma produção mais contemporânea da literatura baiana, propõe-se a colocar em cena a produção literária do professor universitário, jornalista e escritor Carlos Ribeiro, bem como a do professor municipal e também escritor Fábio Mandingo, a fim de avaliar a representação de uma cidade de Salvador em suas narrativas marcadas por um tom memorialístico que diz respeito não apenas às memórias individuais das personagens, dos escritores ou de um provável leitor das narrativas, mas também às memórias coletivas que se desvendam a partir da representação do espaço urbano. Na prosa de Ribeiro e de Mandingo espaços urbanos ganham significado como lugares de memória nos quais os personagens viveram experiências singulares. Em algumas dessas narrativas, há um tom de lamento em razão da perda de um tempo vivido e que se foi em meio às demolições e transformações ocorridas nos processos de modernização, ou em decorrência do próprio decurso do tempo. Em outras, por sua vez, há um tom nostálgico pela perda do espaço, mas também da infância e das práticas de sociabilidade de um dado momento.

Da obra de Carlos Ribeiro nos valeremos do conto *O visitante invisível*, do livro *Contos de Sexta-feira*, e passagens do romance *O chamado da noite* que dialogam com o conto anteriormente selecionado. Ribeiro faz parte de uma tradição literária que promove uma relação entre a criação ficcional e as memórias subjetivas e coletivas. Entre as marcas dessa produção de memórias, em suas narrativas têm-se tanto as representações de um tempo pretérito, quanto a presença de um narrador ou personagem que retoma elementos do passado em razão de um estranhamento diante dos espaços e práticas do presente. Dessa forma, ao perambular pelas ruas e esquinas das narrativas, os narradores e personagens de Ribeiro experimentam um sentimento de desconforto ao se depararem com as ausências das características de uma cidade de Salvador do passado e a particular solidão do homem contemporâneo em razão da perda de antigas práticas de sociabilidade. De modo geral, é possível identificar, ao longo da obra de Ribeiro, personagens que são escritores, professores ou do universo universitário e os espaços urbanos que majoritariamente aparecem são um centro antigo de Salvador, com destaque para o Pelourinho, os cinemas de rua de outrora, o Colégio Central, localizado na avenida Joana Angélica, a avenida Sete, a avenida Carlos Gomes e, em outro sentido, a praia de Itapuã.

Da produção de Fábio Mandingo, por sua vez, nos valeremos do seu terceiro e mais recente livro, *Muito como um Rei*, o qual é composto por sete contos ambientados em uma Salvador de uma juventude livre nas deambulações de seus narradores e personagens por espaços excêntricos (no sentido de exteriores ao centro), como Caminho de

Areia, Massaranduba, Lobato, Cantagalo, Ribeira e o Dois de Julho, além do Pelourinho, mas com outra conformação que não a apresentada por Ribeiro. Gírias, sons, rodas de capoeira e outras espacialidades e vivências vão se revelando nas narrativas que nos levam a “espaços da cidade de Salvador que não são tão visíveis do ponto de vista da orla que é frequentada por turistas e pela classe média” (CRUZ, 2017). Dessa forma, nessas narrativas, para além de dor, miséria, falta de horizonte e agressão policial, revelam-se as memórias de uma dada infância na qual havia chão de cimento vermelho, “touca de meia-calça na cabeça de todas as mulheres, que não tiravam pra nada”, filhos de mulheres e homens cachaceiros, tubaína, festas de debutantes de “boa família”, no Clube Itapagipe e outras espacialidades que não as centrais, como alguns bairros periféricos de Salvador.

Para a discussão que aqui se deseja delinear, significativo é o fato de que tanto nas produções selecionadas de Ribeiro como na de Mandingo as retomadas memorialísticas advêm, sobretudo, a partir de fatos da infância que são ambientados em uma Salvador de um outro período, entre as décadas de 60 e 80, principalmente. Tais narrativas desenvolvem-se, em especial, a partir do gênero conto e, apesar de tal gênero se fazer presente em vários momentos da história da literatura nacional, hoje, ele passa a ter uma roupagem muito específica e característica de seu tempo. Nessas narrativas, o retrato pintado do final do século XX e início do século XXI apresenta o homem com suas limitações e apreensões em suas lutas diárias, destacando, até mesmo, suas pequenas vitórias diante de uma sociedade esmagadora (ARRUDA, 2012). Como assevera Ângela Maria Arruda (2012, p. 225), “não há mais uma preocupação como tinha o humanismo liberal, com grandes feitos e soluções. Hoje, o conto está centralizado nos pequenos (ou grandes) problemas individuais, que nem sempre têm soluções, como são também na realidade”. As narrativas de Ribeiro e Mandingo projetam-se a partir desse cenário na medida em que, ainda que apresentem em seu bojo problemas mais universais, como a violência policial e as consequências de uma modernização do espaço urbano, há um destaque dado aos fatos tidos como menores que levam a pensar contextos mais amplos, como ocorre no conto *Infanto Juvenil IV*, de Mandingo, no qual é narrada a prática de se jogar futebol de botão, mas isso se coloca como ensejo para se pensar temas múltiplos, como as práticas de sociabilidade de um dado período.

Nesse sentido, cabe sinalizar que se coloca como marcante nas narrativas de Ribeiro e Mandingo a presença de um memorialismo recorrente que abarca tanto memórias individuais quanto coletivas. Nesse sentido, Jaime Ginzburg (2012) identifica entre tópicos constantes e interesses recorrentes da literatura contemporânea a redefinição entre o público e a vida privada. Assim, temas normalmente tidos como intimistas ou universais, como o sofrimento amoroso, são tratados a partir de uma perspectiva inscrita na história com foco nos conflitos e posições que se apresentam no contexto social (GINZBURG, 2012). Essas memórias que se cruzam nas narrativas de Ribeiro e Mandingo surgem a partir da representação de espaços da cidade de Salvador que se revelam em sua produção literária.

Tal característica, por sua vez, também localiza esses escritores em uma dada tradição que tem se valido de um texto da cidade como via de criação de memórias e de denúncia ou pesar por uma imagem do espaço urbano que se perdeu, sobretudo em razão das ondas de modernização. Nesse sentido, Idilva Maria Pires Germano (2009) afirma que a crítica literária brasileira que tem se voltado para uma produção do final do século XX, cujo tema central é a cidade, e nesse grupo ela destaca Alexandre Faria e Renato Cordeiro Gomes, cunhou a noção de “literatura de subtração”. Segundo Germano (2009), tal conceito compreende uma literatura na qual figura a perda da cidade ideal (racionalizável, controlável e unificável) e do discurso moderno. Isso ocorre “seja descrevendo caleidoscopicamente as cenas da vida urbana, sua heterogeneidade, as cruzeiras da violência e do medo e os fragmentos do presente avassalador, seja revisitando nostalgicamente a cidade perdida e o trabalho da memória e do sonho” (GERMANO, 2009, p. 427). Assim, “os textos evocam a distopia, o sentido penoso de se viver na metrópole e de dizê-la” (GERMANO, 2009, p. 427). Nesse cenário, figuram as produções literárias de Carlos Ribeiro e Fábio Mandingo e a discussão que aqui se propõe empreender objetiva pensar uma ligação entre a vida urbana e a vida subjetiva nas narrativas a partir da representação da cidade de Salvador.

Diálogos urbanos: errâncias, experimentações e memórias nas cidades de Salvador de Ribeiro e Mandingo

A grande presença da rememoração na escrita literária contemporânea merece ser pensada e, para tanto, é preciso se reconhecer que tal prática compreende fenômeno que não se evidencia apenas na literatura. Conforme afirma Andreas Huyssen (2000), a emergência da memória como uma das preocupações centrais das sociedades ocidentais é um dos mais surpreendentes fenômenos culturais e políticos da atualidade. Contrastando com o privilégio ofertado ao futuro no início do século XX, tal fenômeno se caracteriza por uma volta ao passado e desde a década de 1970, na Europa e nos Estados Unidos, tem sido possível observar uma série de práticas memorialísticas, tais como a restauração de velhos centros urbanos, o boom das modas retrô, a nostalgia sendo comercializada em massa, o crescimento de documentários históricos na televisão, etc. Entre tais práticas de culto ao passado, Huyssen (2000, p.14) cita, ainda, a literatura memorialística e confessional, assim como o “crescimento dos romances autobiográficos e históricos pós-modernos (com as suas difíceis negociações entre fato e ficção)”.

No mesmo sentido, Pierre Nora (2009) afirma que o mundo está experimentando a emergência da memória. Segundo o historiador, os países, povos e grupos sociais, ao longo dos últimos vinte ou vinte e cinco anos, passaram por profundas transformações no tradicional modo como se relacionavam com o seu passado. “[...] é como uma onda de recordação que se espalhou através do mundo e que, em toda parte, liga firmemente a lealdade ao passado – real ou imaginário – e a sensação de pertencimento, consciência coletiva e autoconsciência” (NORA, 2009, p.6). Nora (2009, p.7) assevera, ainda, que esse movimento generalizado e enraizado se ancora em duas principais razões. Uma delas diz respeito ao que ele denominou de “democratização da história”, que compreenderia uma consequência da emancipação e libertação de povos que passaram a recuperar seu passado e afirmar sua identidade. A outra razão diz respeito ao fenômeno por ele denominado “aceleração da história”. Segundo ele, isso significa dizer “que o fenômeno mais contínuo e permanente não é a permanência e a continuidade, mas a mudança, e uma mudança que está afetando tudo mais e mais rapidamente” (NORA, 2009, p.7). Uma incerteza do futuro tem sido capaz de criar no presente uma obrigação de recordar e o dever de que “o presente acumule assiduamente, de maneira relativamente indiferenciada, todos os traços visíveis e todos os sinais materiais que constituem evidência e que vão fornecer evidência do que uma nação, um grupo, uma família é ou terá sido”. Nesse contexto, em que há um obscurecimento do passado e do futuro, tem-se a recordação como característico elemento do tempo atual, o “tempo da memória” (NORA, 2009, p.7).

A partir da compreensão aqui apresentada, de que vivemos uma época de grande emergência da memória, percebe-se que “não há dúvida de que o mundo está sendo musealizado e que todos nós representamos os nossos papéis neste processo. É como se o objetivo fosse conseguir a recordação total” (HUYSEN, 2000, p.15). Nesse cenário, as narrativas de Mandingo e de Ribeiro parecem assumir um papel de, pelas suas construções, recuperar algo que perdido, como memórias de um tempo, espaços urbanos que se transformaram e práticas de sociabilidade de um outro período.

Nas narrativas de Ribeiro e de Mandingo aqui selecionadas, o homem está na cidade assim como a cidade está no homem. Há que se perceber, contudo, que isso não se dá apenas com aquele que, nas teias da narrativa, conta a si, mas com todos aqueles que, de algum modo, se relacionam com os mesmos ambientes e, pela narrativa, rememoram espaços e as vivências neles experimentadas. Isso se deve ao fato de que tais memórias, uma vez se apresentando diretamente relacionadas às mudanças sofridas pela cidade de Salvador, representam memórias de cunho não apenas individual, mas também coletivo, razão pela qual é relevante se pensar como se opera esse enlace. Para tanto, contudo, é preciso reconhecer que, conforme assevera Maurice Halbwachs (1990), a memória não compreende construção fisiológica individualizada em cada ser humano, mas uma construção social. Sendo assim, ela deve ser compreendida como fenômeno social e coletivo, ou seja, “como fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992, p. 201). Pensando os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva, Michel Pollak (1992) afirma que ela não diz respeito à vida física de uma dada

pessoa, uma vez que é, em parte, herdada. Ademais, ela sofre flutuações em decorrência do momento em que está sendo articulada. Sendo assim, “a memória é um fenômeno construído”, de modo consciente ou não, e é, ainda, “um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 205, grifo do autor).

Pensando sobre a memória coletiva como formadora de um sentimento de identidade e a necessidade de manutenção dos espaços que remetem a lembranças sociais, Maurice Halbwachs (1990) identificou que a memória constitui-se conjunto de recordações socialmente construídas que ultrapassam o âmbito individual. Fazendo uma leitura de *A memória coletiva* de Halbwachs, Marlise Giovanaz (2007, p. 237) evidencia o modo como o sociólogo francês coloca em cena que a manutenção da memória coletiva dos cidadãos requer uma preservação dos espaços.

O autor ressalta que a permanência e a estabilidade dos objetos materiais que nos cercam e com os quais estamos em contato diário nos propicia um equilíbrio mental, como se fosse uma sociedade silenciosa e imóvel, estranha às nossas transições e mudanças, proporcionando-nos uma sensação de ordem e de continuidade. O nosso entorno material conserva nossas marcas e a de nossos mais queridos, lembram-nos fatos importantes de nossa vida individual e estão associados à memória de nosso grupo. Todo espaço habitado recebe as marcas dos indivíduos que nele transitam. Os quarteirões no interior da cidade, bem como as casas que os constituem, estão também ligados ao solo, como as árvores, os rochedos e as montanhas.

Nesse sentido, subjaz a tais afirmações o fato de que ao indivíduo interessa a manutenção dos espaços públicos constitutivos das memórias, uma vez que, constituindo-se a memória, constitui-se a si. Há que se perceber, ainda, que esse não é um tema recente, uma vez sendo “subjacente à própria condição humana, à medida que suas raízes se fundam nas necessidades de autoconfirmação e no medo. O impulso à autoconservação nasce do medo mítico da perda do próprio eu, medo da morte e da destruição” (DOURADO, 1989, p. 65, grifo do autor).

Pensando essa manutenção dos espaços urbanos para a constituição do sujeito, cabe partirmos para a análise do conto *O visitante invisível*, de Ribeiro, a fim de perceber como ao longo na narrativa é possível aferir um tom de angústia e um retorno cíclico ao espaço em que se viveu expressivas experiências. Isso é identificável, por exemplo, a partir da presença do mesmo trecho no início e no final da narrativa: “Escuta. Façamos de conta que você possa tornar-se invisível. E que possa fazer uma viagem no tempo. Você desce, agora, a ladeira do Pelourinho, vê? É um dia qualquer de 1963” (RIBEIRO, 2010). A repetição sugere a angústia por aquilo que se perdeu e nos remete a um eterno retorno aos espaços que já não mais são como no passado. Ainda que desintegrados os espaços, a criação dessas memórias se revela via de manutenção daquilo que fincou raízes no imaginário do narrador.

No conto, o visitante que narra e o menino que é observado se entrelaçam como se um tivesse criado o outro e temporalidades distintas se cruzam fantasiosamente. Nesse sentido, é como se o narrador visse a si em um tempo passado. Elaborando o conceito de lembrança encobridora, Freud (1899) evidencia que, na maioria das lembranças importantes, aquele que rememora, na recordação, vê-se como criança e está consciente de que tal criança é ele mesmo. Apesar de tal consciência, contudo, aquele que lembra “vê essa criança tal como a veria um observador externo à cena”. Na narrativa, isso se faz emblemático, uma vez que aquele que rememora vivências da infância convida o leitor para, silenciosamente e fazendo de conta que se é invisível, adentrar os caminhos da memória e veja a si, em uma residência familiar, em um ano específico, 1963.

Em “*O visitante invisível*”, o narrador que conduz a retomada memorialística olha para si, de fora da vivência rememorada, e se vê criança a brincar em sua casa em meio aos elementos físicos que, reconstituindo um espaço significativo da infância, compõe a lembrança que é construída. Nesse ponto, é válido observar que “sempre que numa lembrança o próprio sujeito assim aparecer como um objeto entre outros objetos, esse contraste entre o ego que age e o ego que recorda pode ser retomado como uma prova de que a impressão original foi elaborada”

(FREUD, 1899, p. 189). Como assevera Freud (1899, p. 189), a reconstrução de uma lembrança da infância evidencia o caráter criativo da memória, uma vez que tal cena “não pode ser uma repetição exata da impressão originalmente recebida, pois, na época, o sujeito estava em meio à situação e não prestava atenção a si mesmo, mas sim ao mundo externo”.

No conto de Ribeiro, tal como assinala Freud (1899, p. 179) a propósito das lembranças infantis, apresenta-se um conteúdo psíquico que aparece em lugar de outro; assim, “os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência”. Neste sentido, em *O visitante invisível*, têm-se os elementos espaciais no conto, os quais se revelam primordiais para se reconstituir locais em que foram vividas significativas experiências e que são reconstituídos pela memória.

Há que se observar, ainda, que o ato de reconstituir o passado é conduzido no presente, havendo a retomada do passado a partir das referências construídas no tempo atual.

Nossas lembranças infantis mostram-nos nossos primeiros anos não como eles foram, mas como nos apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos do despertar, as lembranças infantis, como nos acostumamos a dizer, não emergiram; elas foram formadas nessa época. (FREUD, 1899, p.189, grifo do autor)

A voz que se enuncia no conto convida a um passeio por vivências e espaços do passado. Já nas primeiras linhas, a narrativa indica o centro histórico de Salvador como o ambiente a partir do qual são desvelados sentimentos e vivências. Esse retrato do centro, por sua vez, cria e recria uma imagem da cidade que se assemelha à construção de Bahia propagandeada pela mídia: o Pelourinho como metonímia da Bahia em que sinos tocam nos ares finos dessa velha Salvador. Desse modo, ainda associada ou representativa de uma sacralizada imagem de Bahia e do Pelourinho, bairro antigo e um dos mais emblemáticos do centro histórico, as cenas que são constituídas ao longo da narrativa indicam certa aproximação a uma representação de Bahia sagrada, mítica e sincrética. Não há um destaque ao fato de esse espaço ter sido, em certo sentido, abandonado pelo poder público e passar por constantes processos de degradação. O conto, ao descrever as vielas, gostos e cheiros sacralizados no imaginário popular, expõe uma conformação física e social do Pelourinho no final dos anos 1960 ainda marcada por uma determinada sociabilidade com trocas subjetivas mais íntimas e experiências familiares, mas já sinaliza um processo de abandono pela elite burguesa que começara a tomar novos espaços da cidade.

No conto *O visitante invisível* há, ainda, uma relação entre as memórias urbanas e subjetivas. Desse modo, apresenta-se para o leitor uma série de imagens que integram a história da cidade, como a ladeira do pelourinho, a janela de um sobrado, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, casarões “velhos e desbotados” e o edifício Bola Verde. Revelam-se, ainda, elementos íntimos que desvendam as feições singulares do núcleo familiar, como uma antiga geladeira GE, uma mulher que arruma um quarto, um menino que brinca, livros na estante, “travessas de farofa de ovo com manteiga, arroz, carne, leite, café e deliciosas fatias de parida” (RIBEIRO, 2010, p. 22). Os tecidos da memória são responsáveis por entrelaçar a história subjetiva e urbana na formação de um único corpo narrativo. Esse mesmo cenário, um apartamento velho no Pelourinho, que interliga a conformação urbana do antigo espaço e as memórias subjetivas de um dado personagem – ou do leitor que com esse espaço tenha se relacionado – se encontra no romance *O chamado da noite*. Nessa narrativa, um homem de meia idade, que em seu trânsito pelas ruas de Salvador constrói suas memórias, revela essa mesma centralidade urbana e as singularidades coletivas e subjetivas a partir do bairro do Pelourinho que recria.

A terra do Prestes João era aquele apartamentozinho apertado no Taboão onde nas manhãs de domingo eu me reunia com minha mãe e o meu irmão mais velho, e as minhas tias, para comer feijoada e beber mirinda. E o que mais me fascinavam eram aqueles líquidos mágicos com seus nomes estranhos: mirinda, crush, grapetti, fratellivitta, enfim, que comprávamos no armazém que existe até hoje, na bola verde, em frente àquele edifício

velho, caindo aos pedaços, com vista para lugar nenhum ou para uma rua suja e decadente que eu não via naquele tempo, porque tudo o que eu via em volta de mim era o mistério. De forma que da janela eu podia enxergar ao longe os desertos do Congo e as savanas do Sudão; o Pacífico furioso; a imensa noite pré-histórica onde Turok enfrentava com o inseparável arco e flecha os monstros abissais; a paisagem misteriosa de Opar, na qual Tarzan chegava, capturado por uma aranha voadora gigante ao palácio da rainha má que lhe oferecia o reinado em troca da sua alma. (RIBEIRO, 1997, p. 46)

Mais uma vez tem-se a figura do infante a partir das lembranças e do ato de rememorar que cria e recria antigos espaços, sujeitos, objetos, situações e reelabora as próprias imaginações infantis. Desse modo, são retomadas antigas práticas, como a reunião familiar aos domingos, os refrigerantes que marcaram uma época e a existência dos antigos armazéns, hoje, em sua maioria, substituídos pelas grandes redes de supermercados. Percebe-se, ainda, que nessa passagem, diferente do que ocorre em *O visitante invisível*, tem-se um confronto entre o cenário do passado e o da atualidade. O personagem que narra revela um panorama contemporâneo no qual uma das marcas mais expressivas é o da degradação de edifícios velhos e caindo aos pedaços e ruas sujas e decadentes. No entanto, se isso já existia na época rememorada, era estranho ao menino que naquele espaço construiu suas fantasias.

A partir de tais leituras, não se pode negar que, em Ribeiro, as representações do centro histórico de Salvador, sobretudo do bairro do Pelourinho, recriam o ar misterioso, sacralizado e até um tanto estereotipado do que se convencionou chamar de cidade da Bahia¹. Nas narrativas de Mandingo, por sua vez, uma leitura apressada poderia supor que uma escrita periférica colocaria em cena uma periferia marcada por dor, miserabilidade e violência. Os críticos da literatura brasileira contemporânea, tais como Karl Schollhamer e Beatriz Rezende, têm sinalizado que tais narrativas são essencialmente urbanas e, falar da cidade de hoje, é falar, majoritariamente, sobre as violências dos espaços urbanos. Relaciona-se a isso o fato de que, a partir do espaço de onde surge uma literatura dita periférica ou marginal, surgem certos estereótipos de que a escrita contemporânea que emerge desses espaços daria a ver quase que absolutamente, ou em demasia, cenas de violência. Nesse ponto, a ideia seria de que, nas narrativas de Mandingo, pelas suas experiências “de dentro” de um dado pelourinho, por exemplo, as imagens de violência seriam as mais marcantes ou presentes. Uma leitura apressada poderia supor isso ao retirar a seguinte passagem do conto *Infante Juvenil V*:

O Olodum dignificava o brega, dava uma direção ao mangue, era o que eu sentia. O cotidiano era sempre um inferno de violência e sexo e sangue quente escorrendo entre as pedras e mau cheiro de merda e urina. Fumaça de lixo queimando dentro das carcaças dos casarões em ruínas, barulhos de bolas de sinuca batendo, cachaça sendo jogada na rua pro santo. Bitelo foi morto pelo melhor amigo com golpes de faca de cozinha na hora de dividir um roubo, Dico foi preso com maconha na subida do São Miguel e apanhou tanto que teve o baço estourado por um pisão de coturno, Clarinda perdeu um dedo na briga com Lídia Brondi, a travesti, que tava pegando o marido dela... vixe... Dois-Mundo bateu em dois polícia que tavamarregando a mesa de bicho dele e andava meio sumido da área”. (MANDINGO, 2015, p. 82-83)

De fato, nas narrativas de Mandingo não existe um mascaramento da realidade difícil que pode se apresentar para o sujeito em condições periféricas, como na passagem em que aparece a seguinte reflexão: “Às vezes sua mãe é somente aquele corpo arrastado no asfalto, pendendo dos fundos de uma viatura. (MANDINGO, 2015, p. 25)”. Há que se perceber, no entanto, que as narrativas nos oferecem mais do que isso, dando a ver memórias de infâncias, espaços e sociabilidades desses espaços marginalizados, sobretudo, pelo poder público. Não se quer com isso obliterar a relevância dessas escritas como possibilidades de denúncia pela via ficcional, mas sinalizar a existência de algo que está para além disso.

Na esteira do pós-estruturalismo, as novas formas de pensar a literatura têm dado a ver, sobretudo entre os séculos XX e XXI, sujeitos e obras que, durante muito tempo, foram silenciados pelo sistema literário canônico. Os estudos da professora Dalcastagnè (2012) nos possibilitam pensar realidades que, muitas vezes, foram inviabilizadas e

¹ Tal expressão, representativa do modo como ficou conhecida a cidade de Salvador até o século XX, sugere o destaque da cidade no cenário baiano e foi utilizada por muitos artistas como Jorge Amado, Carybé, Piere Verger e Caymmi, todos eles, nos dizeres de Wan-Dall Junior (2013, p.4) a partir das colocações de Drummond (2012, p.5), responsáveis por ampliar e difundir “uma identidade da cidade de Salvador, estetizando o Centro Histórico e a ‘cultura mestiça’ do povo baiano”.

silenciadas por questões étnicas, de classe ou de gênero. Dando espaço e notoriedade às produções contra hegemônicas ou marginais, o Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC), sob regência de Dalcastagnè (2012), apontam a ainda pouco equânime imagem nacional a partir de representações literárias que não atentam para a diversidade brasileira.

A abertura de espaço para escritas diversas das canônicas possibilita perceber narrativas outras que dão a ver faces diversas da cidade e de experimentação do urbano. Sendo assim, se dentro do cânone surge, em especial, uma Salvador com suas regiões centrais e sacralizadas, como o Pelourinho, o Campo Grande, a Avenida Sete de Setembro e as novas espacialidades centrais, como a Pituba; as escritas das margens dão a ver novas configurações do espaço urbano, como os bairros fora do centro e as suas formas de vivência. Nesse sentido, percebe-se que o sujeito que transita por essa cidade que não lhe é acessível de forma igualitária, mas sim desigual, desvela as suas leituras do espaço urbano e, portanto, deixa ver outras imagens de cidade. Pensando sobre isso, Dalcastagnè (2015, p. 99-100) afirma que nessas narrativas

temos essa tentativa de reconfiguração da paisagem urbana, quando as pedras da cidade são deslocadas pelo movimento das personagens. É desse atrito que nascem novas histórias, trazidas por corpos socialmente construídos para ocupar outros espaços. Daí a importância estética e política de seu trânsito, porque apesar de toda hierarquia estabelecida nas grandes cidades, apesar de todo esforço de exclusão empreendido pelas elites dominantes – seja no mundo concreto, seja no âmbito das representações – essa passagem, e sua narrativa, transformam o espaço que tocam, promovendo uma espécie de alargamento do universo dos possíveis.

A partir dessas projeções se revelam outras imagens da cidade com suas mazelas, exclusões e com as marcas da violência a partir de outro prisma, além de outras lógicas de experimentação estética e artística do urbano, e é nesse cenário que figura a produção de Fábio Mandingo.

Em Muito como um rei, as memórias de seus narradores, e talvez até dos leitores que, de algum modo, dialoguem com aquelas espacialidades ou experiências, emergem a partir dos espaços urbanos. Sendo assim, as memórias vão sendo (re) criadas ao longo de toda a leitura do livro: há a brincadeira de jogar futebol de botão, as castanhas assando no quintal, a única casa com televisão na qual todos os meninos se amontoavam para ver filmes, o Clube Itapagipe e os namoros escondidos.

Se em O visitante invisível, de Carlos Ribeiro, havia uma frase a se repetir que evocava um eterno retorno ao espaço do passado, em Infante Juvenil IV, a narrativa de Ribeiro reitera a frase “A janela ficava aberta, podia dormir aberta nessa época...nessa época” (MANDINGO, 2015, p. 53). Aqui, já há uma quebra do esperado: não apenas o discurso de uma dada elite ou da classe média evoca um passado seguro e no qual não havia a violência da contemporaneidade, o discurso periférico também relembra um período marcado por menor violência, ou também marcado pela inocência infantil que não atentava para a realidade em que se vivia.

Além disso, para além de cenas do espaço físico das ruas como espaço de memórias negativas ou de marginalidade política, econômica e social, há a experiência da rua como o espaço da formação de corpos, como espaços de construção de memórias da infância. Nesse aspecto, é possível citar duas passagens. Em Infante Juvenil III, narrando as descobertas do amor na juventude, Mandingo (2015, p.11) atravessa as experiências da infância com a seguinte imagem do urbano: “À noite a rua era escura, os cheiros de sabonete se misturavam ao cheiro das águas da enchente ainda secando em poças, depois da última chuva que deixara a todos ilhados em suas casas. A rua era por não haver postes de iluminação”. Dessa forma, intercalando condições sociais ao contexto citadino e às vivências infantis, Mandingo não mascara espacialidades degradantes, mas as marca de uma significação de afeto que não exclui a visibilidade daqueles contextos, contudo, coloca a periferia como local de onde emergem outros discursos, vivências e memórias. Assim, neste mesmo conto, aparece: “Calados vendo o pôr-do-sol, em cima da laje de Tiago. A tarde toda jogando bola no asfalto esburacado. Esticavam a hora do banho examinando as pernas, ferida por ferida, dedo por dedo: o que era de cascão seco que podia ser tirado e o que era de unha tirada que tava renascendo”

(MANDINGO, 2015, p. 9). Assim, atreladas às memórias subjetivas desse narrador que conta da infância vão se atrelando memórias subjetivas de espaços urbanos outros que não apenas o centro da cidade de Salvador, mas também o subúrbio e a cidade baixa com suas lógicas de sociabilidade e conformações físicas de um dado período.

Considerações finais

A história de uma cidade está atrelada às narrativas de vida dos sujeitos que nela vivem ou que com ela se relacionam. Sendo assim, a narrativa de um espaço urbano é socialmente constituída e partilhada. Nesse sentido, a reflexão aqui realizada permitiu perceber como as narrativas de Ribeiro e Mandingo possibilitam pensar um entrecruzamento entre as memórias urbanas e humanas, coletivas e individuais, a partir da representação da cidade.

Salvador, seja pela sua posição geográfica, por sua constituição histórica, pelas manifestações culturais que lhes são características ou pela imagem que se produziu da primeira capital do país, encanta turistas e soteropolitanos. Inegavelmente, para aqueles que circulam pela cidade, seja de carro, ônibus ou a pé, a sensação que se tem é de que quase todos os caminhos levam a uma atraente vista do mar.

Esse mar que encanta e que compõe grande parte dos cartões postais da cidade participa da imagem sacralizada que se tem da cidade da Bahia. Aquele que, transitando pela região do Campo Grande, desce a Avenida Lafayette Coutinho², por exemplo, costuma ser, de logo, atraído pelo mar da Baía de Todos os Santos. Há, no entanto, aqueles que quase que esquecem essa vista e se voltam para a cidade que se fez porto, fortaleza e se ampliou para tantos rumos. Em Ribeiro e Mandingo, é esse encantamento pela cidade que se faz representar nas narrativas a partir de um processo de representação de uma cidade e das memórias experimentadas nesse espaço urbano. Percebe-se, ainda, a representação de um sujeito contemporâneo que, envolvido pela *modernosidade*³, espanta-se com os vazios deixados pelas experiências do passado que não mais existem, como a segurança ao se andar pela cidade e as relações subjetivas íntimas travadas nos múltiplos espaços de convivências que não se restringiam ao fugaz e impessoal tempo vivido nos shopping Centers. Assim, evidencia-se o homem inserido na contemporaneidade, mas marcado e atento ao passado e que, em seu perambular pelas ruas, realiza o inventário do que se perdeu em decorrência dos processos de modernização que se impuseram à cidade.

A investigação sobre os elementos rememorados nas narrativas de Ribeiro e Mandingo revelou o modo como os espaços nos quais tais escritores viveram grande parte de sua infância e adolescência são reiteradamente recriados em sua produção ficcional. Assim, a reconstrução de espaços e práticas do passado, a partir dos atos de lembrar e ficcionalizar permeados por um tom nostálgico, revela o modo pelo qual, no processo de criação dessas localidades urbanas, são evocadas a antiga arquitetura, lojas e cinemas que formavam a velha centralidade, bem como as características ambientais quase que extintas. Há que se destacar, ainda, que, além da conformação física de tais espaços, as narrativas de Ribeiro e Mandingo evocam as práticas sociais e culturais que marcaram época, como o ofício de pescador, lendas populares e o perambular pelo antigo centro para ir aos cinemas de rua, bem como os jogos de botão, os banhos de mar na Ribeira e as brincadeiras de uma infância.

Dessa forma, a partir de uma leitura suplementar, no sentido de Derrida, não se buscou um complemento entre as leituras de tais autores contemporâneos, mas um acompanhamento de leitura, uma afinidade. Assim, buscou-se pensar as narrativas deles de forma suplementar na medida em que ambos colocam suas imagens da cidade de Salvador a partir de olhares distintos, ainda que passeando pelos mesmos lugares geográficos, mas todos marcados por singulares construções afetivas de memórias.

² A Avenida Lafayette Coutinho é mais conhecida pelos soteropolitanos como “Contorno”, uma vez contornando a falha geológica que separa a cidade alta e a cidade baixa. Projetada por Diógenes Rebouças em 1952, a via articula a região do Comércio (Cidade Baixa) até o vale do Canela, passando pelo Campo Grande (LEME, 2005).

³ Expressão utilizada por Ribeiro em O chamado da noite(1997).

Referências

- AGAMBEN, GIORGIO. O que é o Contemporâneo? In: **O que é o Contemporâneo? e outros ensaios**; [tradutor Vinícius NicastroHonesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARFUCH, Leonor. A vida como narração. In: **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. **Estação Literária**, v. 9, p. 220-237-237, 2012.
- CRUZ, Adécio de Sousa. Fábio Mandingo, livro terceiro: contrariando as estatísticas...**Literafro: o portal de literatura afro-brasileira**. Setembro 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/73-fabio-mandingo-muito-como-um-rei> Acesso em: 28 jul. 18.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. São Paulo: Editora Horizonte, 2012.
- DALCASTAGNÈ, Regina. A cidade como uma escrita possível. In: DALCASTAGNÈ, Regina; AZEVEDO, Luciene (org.). **Espaços possíveis na literatura brasileira contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015. p.85-100.
- DUARTE, Fábio. **Crise das matrizes espaciais: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura**. São Paulo: Perspectivas, FAPESP, 2002.
- FIGUEIREDO, Eurídice. Formas e variações autobiográficas. A autoficção. In: FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- FREUD, Sigmund (1899). Lembranças Encobridoras. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Disponível em: Acesso em: 10 jan. 2015.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie Dizer o tempo. In: **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p.69-79.
- GERMANO, Idilva Maria Pires. As ruínas da cidade grande: imagens da experiência urbana na literatura brasileira contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)**, v. 9, p. 425-446, 2009.
- GINZBURG, Jaime. **O narrador na literatura brasileira contemporânea**. Tintas Quaderni di Letterature Iberiche e Iberoamericane, v. 2, p. 199-221, 2012.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- GOMES, Renato Cordeiro. A cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. **Ipotesi (UFJF)**, Juiz de Fora, v. 3, p. 19-30, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Revista dos Tribunais. 1990.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JESUS, Liliane Vasconcelos de. **Salvador entre o texto e a tela: imaginários da cidade contemporânea**. Tese de Doutorado. UFBA. Salvador, 2016.
- LE GOFF, Jacques. Memória. In: **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.423-484.

LEJEUNE, Phillipe. Autobiografia e ficção. In: **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 103-109.

MANDINGO, Fábio. **Muito como um rei**. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2015.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **PROJETO: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. São Paulo: SP, 1981. p. 07-28.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano**. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acesso em: 2 set. 2011.

RIBEIRO, Carlos. **O chamado da noite**. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.

RIBEIRO, Carlos. **Contos de sexta-feira e duas ou três crônicas**. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010.